

CULTURA, IDENTIDADE E MEMÓRIA: A COLÔNIA SÍRIA E LIBANESA E A IGREJA ORTODOXA EM GUAXUPÉ

Leandro Aparecido Lopes

Escola Estadual José Soares de Araújo

leapls@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

A tendência da historiografia atual à interdisciplinaridade, somada ao impulso da História Social, tem possibilitado novas reflexões sobre imigração e espaço urbano, ampliando o enfoque a grupos étnicos até então pouco estudados, como é o caso dos sírios, dos libaneses, dos judeus de diferentes origens, dos armênios, dos chineses e dos coreanos. No caso específico de Guaxupé, o interesse pelo tema da imigração síria e libanesa surgiu devido à falta de estudos sistemáticos sobre o assunto – é um tema pouco explorado na produção da história local, apesar da presença destes imigrantes ser facilmente identificável devido suas marcas deixadas nas ruas, construções, comércio, língua, hábitos alimentares e religiosos – e à presença deste grupo nas diversas esferas da vida guaxupeana.

A religião teve um papel de fundamental importância na formação da comunidade sírio e libanesa e em sustentar a suas referências identitárias, principalmente, nos primeiros anos do movimento migratório (PITTS JR, 2006:42). Este aspecto se relaciona a questões religiosas, políticas, lingüísticas, de trabalho, de hábitos alimentares que eram decisivas na terra natal e que também foram ao se estabelecerem no Brasil, especialmente em Guaxupé, onde a colônia síria e libanesa assumiu uma característica peculiar ao ser cristã ortodoxa. Segundo Truzzi (1997:93), as diferenças religiosas e regionais, vão estar presentes a todo o momento em relação a este grupo. Segundo o autor *o espírito localista entre os árabes é muito grande, ele não só tem orgulho de ser sírio, como tem orgulho de ser da cidade tal; do mesmo modo o libanês, não só do Líbano mas especificamente da cidade.*

A escolha da História Oral como metodologia chave para a elaboração dessa pesquisa, nos parece mais adequada, por possibilitar uma maior aproximação com o cotidiano dos agentes históricos e também a perspectiva de enxergarmos a trama das relações sociais vividas entre presente e passado, onde são criados e [re]criados os mais

diferentes sentidos a realidade vivida, bem como a produção de consciências e referências identitárias em que Alessandro Portelli nos orienta sobre a importância, ao trabalhar e sondar o processo de visão das pessoas sobre a realidade vivida, pois “a história oral ao se interessar pela oralidade procura destacar e centrar sua análise de visão e versão que dinamizam do interior e do mais profundo da experiência dos atores sociais”.

Através da história oral, é possível reconhecer a existência de múltiplas histórias, memórias e identidades em uma determinada sociedade, sendo esta uma de suas principais riquezas. A complementaridade entre as fontes e a interação entre o pesquisador e o pesquisado, permite a exposição e a utilização do que ficou guardado e/ou esquecido. Faz-se necessário salientar que cada entrevista, por mais sintética ou extensa, rica ou evasiva que seja, representa uma variedade de visões dos indivíduos socialmente inseridos em posições diferentes, permitindo o estudo de como as pessoas ou grupos efetuaram e elaboraram suas experiências.

As memórias são, portanto, experiências historicamente construídas e constantemente modificadas que fazem do passado uma dimensão importante na constituição do presente. Pensarmos a relação entre a memória, experiência e diversidade cultural é fundamental para discutirmos as múltiplas práticas culturais e experiências vividas historicamente, fundamentadas nas realidades locais, apresentando o que há de concreto na dinâmica social e no cotidiano religioso dos imigrantes sírios e libaneses e seus descendentes na cidade de Guaxupé em Minas Gerais.

IMIGRAÇÃO, ESPAÇO E IDENTIDADE

O fenômeno migratório não se restringe, apenas, a um mero deslocamento de grupos humanos no espaço *físico*, mas também *simbólico*, assumindo diversas dimensões e sentidos à medida que o migrante interage com o ambiente social, econômico, político, cultural e familiar - entre outros possíveis - tanto do lugar *para* o qual quanto do lugar *do* qual ele se mudou. Segundo Abdelmalek Sayad (1998:15) é importante apontar o estado psicológico do imigrante em função do seu deslocamento e da privação de um lugar no espaço.

A imigração síria e libanesa, de um modo geral, contribuiu para o início de um complexo debate sobre a identidade brasileira pela elite brasileira entre fins do século XIX e durante o século XX, pois os “400 mil asiáticos, árabes e judeus, considerados

não-brancos, não-pretos, que mais puseram em xeque as idéias da elite sobre a identidade nacional” (LESSER, 2001:25). Lesser destaca que estes imigrantes, por serem considerados “amarelos”, e não pretos ou brancos, colocaram mais uma questão no debate sobre a identidade brasileira, no que diz respeito a sua cor. Houve dúvidas se estes “amarelos” poderiam interferir no embranquecimento nacional. Para Lesser houve uma barganha cultural, um fluxo de influências entre estes não-europeus e os brasileiros, que muitas vezes não é reconhecida por nenhum dos dois grupos.

Os imigrantes sírios e libaneses procuraram participar das discussões a fim de demonstrar que a etnicidade árabe poderia transformar a identidade cultural, econômica e social do Brasil. Porém a elite reclamava que os sírios e libaneses não aceitavam a assimilação, mas pelo contrário, realizavam uma aculturação. Para Lesser (2001:22) “a assimilação (na qual a cultura pré-imigratória da pessoa desaparece por completo) foi um fenômeno raro, enquanto a aculturação (a modificação de uma cultura em resultado de outra) foi comum”. Lesser trabalha com estes conceitos para o que ele designa como grupos não-europeus, no caso, chineses, japoneses, sírios e libaneses, que, por serem considerados “amarelos”, e não pretos ou brancos, colocaram mais uma questão no debate sobre a identidade brasileira, no que diz respeito a sua cor, podendo interferir no embranquecimento nacional.

Podemos, por fim, destacar os discursos de dois intelectuais sírios e libaneses, Tanus Bastani (1949) e Jorge Safady (1972), sobre a construção da identidade no Brasil, ressaltando que eles falam na abnegação e humildade do mascate, na força de vontade e labor dos imigrantes, na família com padrões morais que encaminha os filhos ao amor à pátria de acolhimento e na idéia do perseguidor do progresso, o símbolo da civilização. Estes discursos são necessários para se demonstrar a importância da imigração árabe e colocá-la em pé de igualdade com as demais imigrações em geral consideradas mais desejadas. Na década de 40, com o nacionalismo, o importante era respaldar essa imigração dentro dos moldes de conformidade com a configuração de uma nação brasileira.

Ao analisar estes conceitos quanto às questões culturais, procuro demonstrar que estes indivíduos, reelaboraram sua cultura, não a deixaram intacta, influenciando e recebendo influências do local onde se instalaram, partindo da idéia de que no Brasil o que vigorou foi um multiculturalismo, resultado da barganha entre nacionais e imigrantes.

Para o teórico cultural Stuart Hall (2001) atualmente *a continuidade e a historicidade da identidade são questionadas pela imediatez e pela intensidade das confrontações culturais globais*, isto é, as identidades étnicas *estão sujeitas ao plano da história, da política, da representação e da diferença* (2001:84). Na identidade, os imigrantes são obrigados *a negociar com as novas culturas em que vivem, sem simplesmente serem assimilados por elas e sem perderem completamente suas identidades. As pessoas carregam os traços das culturas, das tradições, das linguagens e das histórias particulares pelas quais foram marcadas* (HALL, 2001: 88).

Para Kathryn Woodward (2003) a identidade é um processo em constante construção e, neste caso, a construção do passado (ou de um dado passado que se escolhe e seleciona) é um dos componentes deste processo. Mais ainda, a afirmação das identidades nacionais é historicamente específica. Se analisarmos a história da Síria e do Líbano¹, observará que, onde hoje estão situados estes dois países, até o início do século XX não possuíam um território delimitado nem independência política, era parte do Império Turco Otomano e conflitos e disputas territoriais eram comuns². Além disso, a diversidade religiosa sempre foi grande, com números equilibrados de Cristãos e Muçulmanos (subdivididos em vertentes religiosas menores, como visível no Líbano). Essa multiplicidade de vertentes religiosas também contribuía para constantes tensões, em especial na região do Monte Líbano durante o século XIX. A crise do Império Otomano e sua derrota na I Guerra Mundial (1914-1918), fez com que as vitoriosas, França e Inglaterra dividissem entre si os territórios árabes que estavam sob domínio da Sublime Porta. A França coube a região da Síria e Líbano. O Líbano e a Síria conquistaram sua independência política, em 1943 e 1945, respectivamente. As relações de dominação, no entanto, persistiram na prática, mantendo-se uma situação de dependência não apenas econômica, mas cultural em relação às metrópoles européias.

Este estudo busca resgatar a memória dos imigrantes sírios e libaneses na cidade de Guaxupé, no estado de Minas Gerais. Este é um dos exemplos mais ricos da

¹ Até o início da I Guerra Mundial, a região conhecida como Grande Síria, ou simplesmente, Síria, pertencia ao Império Otomano e incluía o Líbano entre suas fronteiras, bem como a Jordânia e parte do Iraque; a idéia de Líbano com a delimitação geográfica atual é recente. Os libaneses normalmente se identificam não nacionalmente, mas pelas suas aldeias de nascimento e encapsulam em grupos geográficos ou religiosos (TRUZZI, 1991).

² O domínio turco na Grande Síria durou de 1516 até o fim do império otomano no final da Primeira Guerra Mundial, em 1918. Após as derrotas dos turcos na Primeira Guerra Mundial, o Líbano, que antes pertencia à Grande Síria, ficou sob regime de protetorado francês e ganhou autonomia em relação à Síria (TRUZZI, 2001: 295).

diversidade cultural desse grupo no Brasil, devido a grande variedade de aspectos que se refletem na configuração da cidade, principalmente representada na sua organização religiosa e cultural. Encontramos na região de Guaxupé imigrantes que chegaram ao país no período compreendido entre o final do século XIX e a primeira metade da década de 80.

Dessa forma, em inícios do século XX, tendo como objetivos a difusão da religião ortodoxa, bem como a manutenção da prática religiosa dos patrícios residentes em Guaxupé e região circunscrita, constrói-se a Igreja Ortodoxa Antioquina Santo Elias Profeta. A Igreja Ortodoxa constitui como uma territorialidade e um lugar de memória, sendo uma forte referência aos imigrantes e seus descendentes de suas histórias de vida, construindo um espaço de sociabilidade que assegurasse a permanência de seus costumes e tradições, um espaço no qual pode encontrar suas raízes e suprir sua carência cultural. A construção social em torno da Igreja Ortodoxa Santo Elias foi o modo que os imigrantes encontraram para darem significados e demarcarem sua cultura em Guaxupé.

SÍRIOS E LIBANESES EM GUAXUPÉ

O início da emigração³ em massa dos sírios e libaneses esta profundamente ligada a soma de vários fatores de ordem econômica, religiosa, política, social e cultural que envolvia a Síria e o Líbano⁴ em fins do século XIX e inícios do XX.

A cidade de Guaxupé ainda não era emancipada⁵ quando chegaram os primeiros imigrantes sírios e libaneses. A data da chegada dos primeiros imigrantes é imprecisa, pois não há registros. Segundo o Padre José Elias Ohomsi, existe uma carta de uma Sociedade de Ajuda Mútua datada de 1896 “Nós temos uma carta registrada em Guaranésia, não chegou a minha mão ainda (...) Em 1896 tem uma carta de um estatuto chamado Sociedade Síria Mútua (...) Então, antes de 1896 o árabe veio aqui em Guaxupé (...) não existia Guaxupé, existia a cidade das Dores”. Encontra-se na Ata de

³ Os termos imigração e emigração distinguem-se pela posição do observador e do narrador, no entanto referem-se a um movimento único, o que às vezes leva a uma confusão, usando-se imigração para tudo. Dessa forma utilizarei emigração exclusivamente para o movimento de saída do país de origem, e imigração para quando for tratar do processo imigratório.

⁴ Até o início da I Guerra Mundial, a região conhecida como *Grande Síria*, ou simplesmente, Síria, pertencia ao Império Turco-Otomano e incluía o Líbano entre suas fronteiras, bem como a Jordânia e parte do Iraque.

⁵ O Arraial de Dores e Guaxupé do qual originou Guaxupé nasceu em 1837 e pertencia ao município de São Sebastião do Paraíso. Após alguns anos passou a pertencer ao município de Muzambinho. A 1º de junho de 1912 é dado a Guaxupé a emancipação política.

Comemoração do Quarto Centenário do Descobrimento do Brasil⁶ o nome de três imigrantes sírios e/ou libaneses: João José Nahum, Nicolau Elias Francisco e Felipe José Joaquim Meziara, demonstrando, assim, a presença destes imigrantes em Guaxupé, em fins do século XIX.

Em entrevista com os colaboradores, podemos estabelecer os motivos que levaram os primeiros sírios e libaneses a se estabelecerem na região de Guaxupé. O primeiro está ligado ao grande desenvolvimento da agricultura cafeeira no século XIX e princípios do XX, o que representava um grande e promissor mercado de trabalho para os imigrantes, que se atinham à arte de mascatear – atividade de comércio ambulante à qual se dedicavam devido as vantagens que lhes eram proporcionadas como, por exemplo, o crédito no pagamento das mercadorias e o retorno rápido.

Segundo o colaborador Nabih Zaiat, o estabelecimento dos primeiros imigrantes criou uma “rede de conterrâneos”, estreitando as relações entre a terra natal e a cidade de Guaxupé. Por ser uma decisão familiar a emigração tinha como motivação a busca de melhores condições socioeconômicas, e, quando um parente já estava previamente estabelecido, buscava-se e/ou viam outros parentes para o Brasil. Percebemos que existe também o fator da presença de um padre ortodoxo e a Igreja Ortodoxa, fazendo de Guaxupé uma cidade onde poderiam relembrar seus ritos religiosos em uma Igreja própria, além de poderem externar sua identidade religiosa.

A maioria dos sírios e libaneses da colônia guaxupeana são oriundos das cidades de Homs na Síria e Trípoli, Meziara, Saída, Baino Akar, Zahlé no Líbano. Devido aos laços de parentesco e a tendência de serem de uma mesma cidade ou vilarejo, determinou a concentração especial de algumas famílias (SAFADY, 1972:86), as quais podemos destacar os Sabbag, Abrão, Tauil, Elias, Abdalla, Farah, Salomão, Cury, Zaiat, Calil e Nehemy.

Ocorreu a preocupação entre os primeiros sírios e libaneses de preservar a língua pátria, como uma forma de manter a identidade e a esperança do retorno. Com o passar dos anos, foram ocorrendo lacunas no ensino do árabe aos descendentes, devido ao falecimento dos imigrantes que exigiam que o árabe fosse ensinado e falado no meio familiar.

⁶ Esta Ata comemorativa do Quarto Centenário do Descobrimento do Brasil data do dia três de maio de 1900. Ela se encontrava dentro do monumento comemorativo do Quarto Centenário do Descobrimento do Brasil, que se encontrava localizado na Praça Américo Costa. Cf. VALLE & VALLE, 2003:56.

Outra tentativa de manter as tradições e os hábitos culturais eram os matrimônios endógenos – matrimônio realizado dentro do grupo étnico – especialmente entre os primeiros imigrantes. Eles casavam com outros membros já estabelecidos ou iam à terra natal para se casarem. Segundo o relato dos colaboradores, os casamentos entre pessoas de mesma cultura ajudaria a manter as tradições, facilitaria a convivência, evitando, assim vários conflitos, e, visava a manutenção do patrimônio. Com o passar dos anos, em especial após os anos 1930, os matrimônios exógenos ficaram mais freqüentes, principalmente entre os descendentes que buscavam casar com quem desejavam e não por quem os familiares desejavam.

Ao se estabelecerem em Guaxupé, os imigrantes sírios e libaneses relatam que inicialmente sofreram certa rejeição da população. Isto porque até o final da Primeira Guerra Mundial os sírios e libaneses chegaram ao Brasil com passaportes turcos, foram confundidos com seus opressores, o que lhes causou imenso descontentamento e irritação. Apesar de se queixarem do mal entendido envolvendo essa denominação, ela permaneceu designando o grupo até os dias de hoje. A colaboradora Nair Salomão demonstra que não se sentem a vontade quanto a esta confusão quando ressalta:

Tinha muito. Preconceito tinha muito. Aí, quando eles chamavam a gente de turquinha, ih aquilo era uma paixão, não podia chamar de turquinho que estava ofendendo... porque eu não sei. Acho que era preconceito, era de brasileiro, estava achando que a gente estava morando em um lugar que não era da gente... Chamava a gente de turquinha e gente não gostava. A minha filha mais velha casou, ela não colocou o sobrenome dos filhos dela de Salomão, você acredita! Por causa de chamar ela de turquinha... a gente sentia sim, um apelido maldoso.

A rejeição também se estendeu a questões fúnebres, pois, a Igreja Católica, em Guaxupé, controlava, em fins do século XIX e início do século XX, o cemitério. Em sua história, a vila e o município de Guaxupé já teve quatro cemitérios, sendo que dois foram desativados e dois encontram-se em funcionamento. O primeiro cemitério tratava-se de um cemitério particular, incrustado na fazenda de Antonio de Carvalho Duarte. Este cemitério servia apenas para se realizar sepultamentos de escravos da própria fazenda e de fazendas vizinhas. Conjetura-se que este cemitério tenha iniciado suas atividades em fins do século XVIII. Nota-se que nesta época ainda não existia a Vila de Dores do Guaxupé e o cemitério mais próximo era na cidade de Jacuí. Com a criação da Vila de Dores de Guaxupé, em 01 de novembro de 1837, os habitantes da

Vila também passaram a ser sepultados neste cemitério particular localizado na fazenda de Carvalho Duarte.

Entre 11 de janeiro de 1856 e 09 de maio de 1896, a Paróquia de Nossa Senhora das Dores de Guaxupé teve um cemitério que funcionava junto à Igreja Matriz. Sua efetiva demolição se deu apenas em 1928, quando todos os restos mortais ali sepultados foram transferidos para o novo cemitério. Sob o comando da Igreja Católica Romana foi erguido em 1896 o cemitério até hoje existente na Praça da Saudade - nota-se que a secularização dos cemitérios no Brasil iniciou-se em 1889. O cemitério era composto de duas partes: A primeira chamada de parte benta, que era reservada aos fiéis católicos romanos e a segunda parte, fora dos muros e localizada no fundo do cemitério, que era chamada de parte não benta, onde eram sepultadas pessoas que não eram católicas (ortodoxos principalmente), crianças que morriam antes de serem batizados, soldados mortos em exercício da função, prostitutas e pessoas que o vigário considerava não merecerem serem sepultadas na parte benta.

A Igreja Católica administrou este cemitério até a década de 1920, quando o mesmo foi forçadamente secularizado. Segundo a tradição oral, em Guaxupé morreu uma senhora de origem árabe e cristã ortodoxa e o vigário não permitiu que a mesma fosse sepultada na parte benta do cemitério. A família da senhora procurou então o Prefeito Municipal Francisco de Oliveira Lessa⁷ que resolveu intervir no assunto. O prefeito procurou então o padre, porém o mesmo não mudou de idéia e disse que não permitiria que a senhora fosse sepultada no cemitério, o prefeito então resolveu secularizar o cemitério, ordenando que a senhora fosse sepultada dentro dos muros. Este cemitério é denominado Cemitério Municipal Luiz Smargiassi e ainda se encontra em funcionamento.

Segundo SAFADY (1986:79) a vinda da Igreja Ortodoxa de Antioquia ao Brasil interage com a chegada dos primeiros imigrantes sírios e libaneses em fins do século XIX. Já em 1904 é inaugurada em São Paulo a primeira Igreja Ortodoxa do Brasil, dedicada a Nossa Senhora, sendo custeada por membros da colônia síria e libanesa de São Paulo.

⁷ Governou Guaxupé entre 1923 e 1930, porém devido à queima dos documentos na Prefeitura Municipal em 1946 fica impossível precisar a data da secularização forçada do cemitério de Guaxupé. Na Cúria Diocesana não é encontrado nenhum registro deste fato, sendo trazido até nossos dias pela tradição oral.

Assim, em Guaxupé, devido a sua colônia expressiva e acompanhando o “movimento espiritual”, construiu-se a Igreja Ortodoxa Antioquina Santo Elias Profeta, considerada por muitos colaboradores como sendo a segunda Igreja Ortodoxa construída no Brasil, cujo início da construção remonta a 1908. Mas essa data é objeto de discussão, pois, a Catedral Metropolitana de São Paulo admite a sua construção e/ou ereção canônica⁸ no ano de 1927.

Completando as divergências relacionadas à data da construção da Igreja Ortodoxa de Guaxupé, encontra-se em posse do colaborador Toufic um Missal Ortodoxo cuja impressão é datada de 1890 em árabe. Na contra-capá, no final do referido Missal encontra informações escritas a mão. Este texto manuscrito está dividido em duas partes – visível devido a cor da tinta e da forma dos caracteres. O colaborador Toufic Naim Saleh realizou uma tradução adaptada para o português deste texto. Na primeira parte, a tradução revelou informações de um provável dono do Missal, padre Berthanos Lataquino, não tendo muito a acrescentar na discussão relativa a data da construção da Igreja Ortodoxa. Ao observarmos a segunda dedicatória, notamos que é datada no dia 20 de outubro de 1907, estando o padre José Elias a partir rumo ao Brasil para inaugurar e/ou construir uma Igreja Ortodoxa no Brasil:

Entrego este livro como lembrança a meu querido irmão padre Youssef Elias [Padre José Elias], de Bairo Acar, quando ele estava para viajar ao Brasil para a inauguração de uma Igreja Ortodoxa lá como lembrança. Padre Berthanos Lataquino de Trípoli Cham 20 de outubro de 1907.

Segundo colaboradores, o padre José Elias - o padre José Elias foi responsável pela construção, e, o padre José Elias Ohomsi entrevistado, veio para reformar a Igreja Ortodoxa no ano de 2000 - veio para construir a Igreja tendo como objetivos a difusão da religião ortodoxa, bem como manter a prática religiosa dos imigrantes residentes em Guaxupé e região circunscrita, como nos relata a colaboradora Nádia Cury:

Veio, construiu a Igreja. Que era só ele nesta região. Então ele cobria até Anápolis, ele ia para Goiás, para todo lado, sabe. E ele foi ganhando dinheiro, construindo a Igreja e aqui tinha muito sírio na época, tinha a família dos Farah, dos Sabbag, é dos Elias, era uma família, era muita gente descendente de árabe e árabe mesmo. Então, eles o ajudaram e muito a construir a Igreja. Aí ele ficou. Depois de quatorze anos, em 1908 ele terminou a Igreja e mandou buscar a família.

⁸ Ereção Canônica é quando a paróquia é constituída como tal – nota explicativa via e-mail da Catedral Metropolitana Ortodoxa de São Paulo.

O padre José Elias participava ativamente da vida de outras colônias 'árabes', pois a Paróquia Santo Elias atendeu a uma área muito extensa, englobando cidades como São José do Rio Pardo (SP), Altinópolis (SP), Franca (SP), cidades do Triângulo Mineiro e Anápolis (GO) – atualmente os limites da Paróquia Santo Elias diminuíram, pois, Anápolis (GO) ganhou uma Igreja Ortodoxa. Padre José Elias esteve à frente da Igreja Ortodoxa de Guaxupé até 1950, quando se afastou devido sua saúde já estar um pouco debilitada. Assumiu, então, o padre Michel Deiratani. O padre José Elias veio falecer em 1952 – fato este que marcará a colônia.

O padre Michel Deiratani permaneceu até o ano de 1973. Em seguida, tomou posse o padre Nicolau Ferzoli; este esteve à frente da Igreja Ortodoxa até inícios do ano de 1979. O padre Jorge Zeitune veio substituir o padre Nicolau, mas ficou pouco tempo. Em seguida, a Igreja Ortodoxa Santo Elias teve à sua frente o padre Paulo, que não residiu em Guaxupé mas, vinha esporadicamente para celebrar algumas cerimônias.

A partir de fins do ano de 1979, a Igreja Ortodoxa Santo Elias foi fechada. Permaneceu assim por aproximadamente 20 anos, até que o padre José Elias Ohomsi foi designado para reformar e reorganizar a Igreja Ortodoxa em Guaxupé – meados do ano de 2000. Aos 18 dias do mês de agosto de 2002, ocorreu a reinauguração da Igreja Ortodoxa, com a presença do Arcebispo Metropolitano, Dom Damaskinos Mansour e outros convidados da colônia sírio e libanesa de Guaxupé, região e da colônia de São Paulo.

O padre José Elias Ohomsi está até o presente momento à frente da Igreja Ortodoxa. Muitos dos colaboradores relatam que os imigrantes e/ou descendentes sírios e libaneses, apesar de terem sido batizados e até mesmo casados na Igreja Ortodoxa, não participam das celebrações; outros já participam das celebrações na Igreja Católica. A colaboradora Nádia Cury nos relata que a Igreja é o seio de sua família e relatar a dedicação do Padre José Elias Ohomsi na luta de resgatar o calor da religiosidade na colônia:

É a história da família. Ali é a história do meu avô mesmo, né. Tanto que ele lutou. É uma pena porque não tem tantos árabes, porque ele, quando ele celebrava a missa aos domingos, é, vinha gente de todos os lados só para assistir a missa. São José, Mococa, Arceburgo, Guaranésia, todos esses libaneses aqui da região, vinham todos os domingos assistir a missa, então, hoje não tem mais. Muitos tem, os filhos que, já passaram para católico faz muito tempo e continuam freqüentando. E muito bem. Mas o padre José está pelejando. Um dia, um domingo tem vinte pessoas, no outro domingo tem

vinte e duas e no outro tem vinte e cinco e vai indo. Um dia menos, outro dia mais, mas ele não desanima.

Na Igreja Ortodoxa se reuniam as Sociedades de Ajuda Mútua. Na obra de Hajjar (1985:208), na seção de Anexos, encontram-se as Sociedades e Clubes espalhados pelo Brasil. Dentro do estado de Minas Gerais, tivemos quatro sociedades na região de Guaxupé: “Sociedade Beneficente Síria, em Guaranésia; Sociedade Beneficente das Senhoras Sírias, em Guaxupé; Clube Sírio (1913), em Guaxupé; União Síria (16-9-1904), em Guaxupé”.

Essas sociedades tinham por objetivo promover a ajuda aos imigrantes recém-chegados e a organização de eventos dentro da colônia, sendo baseadas na Igreja e não possuíam sede, sendo suas reuniões realizadas na casa do padre José Elias.

As comemorações da colônia se atinham a festas de casamentos, que duravam sete dias, iniciava três dias antes do casamento e prolongavam por três dias após o casamento. As festas eram regadas com comida árabe e danças. Os brasileiros participavam das festas. Alguns colaboradores fazem um respaldo que, quanto aos dias atuais não se tem mais essas festas; acreditando que o fim das festas se deve ao fator de não ter mais “patrícios”. A geração mais nova, ou seja, a terceira geração já não importa com a tradição, eles têm “outra cabeça”, como nos relata Nádía Cury:

Nós sentimos muito porque não tem a festa que tem de primeiro. Porque quando casava algum filho de sírio, era três dias antes e três dias depois de festa. Dança, eu me lembro do meu pai com lencinho dançando e a gente dançando junto. E você vai, isto a gente não conseguimos resgatar. (...) Até os brasileiros sabiam dançar, que entravam no meio para poder dançar. E era muito gostoso e isso, hoje, a gente não consegue resgatar, porque não tem mais os antigos para ensinar a gente. (...) Não tinha festa na igreja. Era só nos casamentos. (...) Três dias antes três dias e tinha uma flautinha, tinha um senhor aqui que tocava. Então ele ficava tocando a flautinha e o pessoal todo dançando em volta. (...) Aí tinha a comida, comida árabe mesmo. Ninguém fazia as coisas sozinho não. Convidava todo mundo. É igual eu estou te falando. Era a união da raça, era muito grudada (...) Porque ela foi, foi acabando os legítimos né. Os mais, os patriarcas como a gente fala, o matriarcado, as mães, os pais passaram isso para a gente. A gente continua assim muito ligado. Mas os mais novos, os mais novos já tem outros interesses, outra cabeça. Não liga muito para a união não. Se vê, você é mocinho, mas você vê, é irmão que briga com irmão, o outro mata o pai, o outro, imagina, né. Então, hoje não tem muita união de família, eu acho. Eu fico triste com isso.

Um grande acontecimento dentro da Igreja Ortodoxa e que marcou muitos imigrantes e descendentes foram as Bodas de Ouro Sacerdotal do padre José Elias. A colônia ‘árabe’ guaxupeana e da região inteira se mobilizaram para realizar uma festa

em comemoração às Bodas de Ouro de sacerdócio do padre José Elias. Segundo relato de colaboradores e do Jornal Folha do Povo, do dia 11/08/1946, a festa reuniu ‘árabes’ da região em que o padre José Elias atuava como administrador paroquial – Triângulo Minério, Patrocínio Paulista, Franca, entre outras localidades – e da colônia ‘árabe’ da cidade de São Paulo.

A morte em 1952, do padre José Elias marca a colônia, pois, os imigrantes viam nele um elo com a terra natal, agregando a colônia em torno de si:

Porque geralmente quem agrega a colônia é próprio padre, aquele padre tradicional, tanto até na Igreja Católica, que é quase a mesma coisa... o padre é ele que concentrava todos os trabalhos. O respeito que havia era muito grande. Esse Padre José Elias, o padre nosso, o padre ortodoxo, às vezes se precisasse chamar a atenção de um patrício, ele mandava chamar lá na casa dele para conversar e tal. Ou para chamar a atenção ou para pedir uma ajuda também, para fazer um trabalho. Isso aconteceu. Tudo girava em torno do padre. Sem dúvida nenhuma. O respeito era muito grande. E a Igreja sempre cheia. A colônia todinha lá. Agora, com a morte do Padre José Elias já deu um branco aqui na cidade... Até que veio o padre Michel, esse padre Michel veio foi muito bom também...(Nabih Zaiat)

A religião foi um fator marcante na escolha da rota migratória dos sírios e libaneses. Assim estabelecimento notável destes imigrantes em Guaxupé esta ligada à Igreja Ortodoxa erguida neste município. Existe uma preocupação em manter e reforçar esta identidade étnica, buscando estreitar os laços, realizando trocas culturais para facilitar a convivência na sociedade guaxupeana.

Bibliografia

BASTANI, Tanus Jorge. **Memórias de um Mascate**. Rio de Janeiro, F. Briguiet & Comp, 1949.

DEMARTINI, Zeila de Brito Fabri. **Pesquisa histórico-sociológica, relatos orais e imigração**. In: DEMARTINI, Zeila de Brito Fabri. TRUZZI, Oswaldo Mário Serra. (Orgs.) **Estudos migratórios: perspectivas metodológicas**. São Carlos: Edufscar, 2005.

HAJJAR, Claude Fahd. **Imigração Árabe: 100 anos de reflexão**. São Paulo: Ícone Editora, 1985.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

LESSER, Jeffrey. **A negociação da identidade nacional: imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil**. São Paulo: Editora da UNESP, 2001.

PITTS JR, Montie Bryan. **Forging ethnic identity through faith: religion and the syrian-lebanese community in São Paulo.** Nashville, 2006. Dissertação (Mestrado), Vanberbilt University.

SAFADY, Jorge Salim. Imigração Árabe In **História da Imigração no Brasil - As famílias.** São Paulo: SNDCB, 1986.

SAFADY, Jorge. **A imigração árabe no Brasil: 1880-1970.** São Paulo: [s.n], 1972

SAYAD, Abdelmalek. **A imigração ou os paradoxos da alteridade.** São Paulo: EDUSP, 1998.

TRUZZI, Oswaldo. De Mascates a Doutores: sírios e libaneses em São Paulo. São Paulo, Ed. Sumaré, 1992.

TRUZZI, Oswaldo. **O lugar certo na época certa: sírios e libaneses no Brasil e nos Estados Unidos – um enfoque comparativo.** In **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, n. 27, 2001.

TRUZZI, Oswaldo. **Patrícios: Sírios e Libaneses em São Paulo.** São Paulo: Hicitec, 1997.

VALLE, José Ribeiro do. VALLE, Geraldo Ribeiro (editores). **Guaxupé: memória histórica.** 2ª Edição Revisada, São Paulo, 2003.

WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual.** In: SILVA, Tomaz (org.), **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais.** Petrópolis: Vozes, 2003.